

# EDUCAÇÃO PARA *TODES*? REFLEXÕES E ATRAVESSAMENTOS DE *ALUNXS* TRANS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

Jeam Claude de Souza Gomes <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo explora as experiências e desafios enfrentados por *estudentxs* transexuais do terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede pública do Rio Grande do Norte. O estudo aborda a inclusão e visibilidade desses *alunxs*<sup>2</sup> no ambiente escolar, analisando como as políticas educacionais e práticas pedagógicas impactam suas vivências. A pesquisa tem como objetivo principal compreender as barreiras e oportunidades que *alunxs* trans encontram no sistema educacional brasileiro. Para alcançar esse objetivo, foram aplicados formulários eletrônicos a *estudentxs* trans do 3º ano do ensino médio, focando em suas percepções sobre inclusão, respeito e suporte recebido dentro da escola. Entre os principais achados, destaca-se que, embora haja um reconhecimento crescente da necessidade de inclusão da população trans em todos os espaços públicos e coletivos, muitos *alunxs* ainda enfrentam discriminação e preconceito no ambiente escolar. Os relatos apontam para uma série de fatores que legitimam esse quadro, como *bullying* e exclusão social, tanto por parte de colegas quanto de professores, o uso de banheiros, a ausência de conteúdo, eventos, oficinas, que abordem a diversidade de gênero nos currículos escolares e a falta de respeito pelo uso do nome social. Conclui-se que, apesar de as questões de gênero e sexualidade terem ganhado destaque em políticas e legislações, tanto na educação quanto em outros campos, *estudentxs* transexuais e travestis ainda enfrentam grandes desafios para concluir a educação básica. Portanto, não basta apenas propor reflexões e trabalhar conceitos sobre diversidade nas escolas. É essencial investir na formação inicial e continuada de todo o corpo docente para assegurar um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

**Palavras-chave:** Bullying, Escola, LGBTQIA+fobia, Transfobia.

## INTRODUÇÃO

A inquietação central para a construção deste artigo pauta-se na problemática de que os territórios escolares têm sido espaços que perpetuam a violência contra a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente com *alunxs* trans. Cenário este, destacado na pesquisa realizada pelo Grupo Dignidade, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e publicada pelo portal CNN em 2021, onde constatou-se que 77% dos jovens trans sofrem transfobia no ambiente escolar.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Urbanos e Regionais do Instituto de Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jeagomes50@gmail.com;

<sup>2</sup> Optou-se por utilizar uma linguagem inclusiva para o público alvo desta pesquisa. Respeitando a inclusão de toda comunidade LGBTQIA+.

Portanto, o processo de inclusão de estudantes transexuais e travestis na educação básica é uma pauta emergente e necessária no contexto das discussões sobre diversidade e direitos humanos. Nesse sentido, a escola, enquanto espaço de socialização e construção do conhecimento, deve acolher e respeitar todas as identidades, garantindo igualdade de oportunidades e o direito à educação plena. No entanto, a realidade revela desafios estruturais que vão além do acesso formal à educação, envolvendo situações de discriminação, invisibilidade e barreiras institucionais que impactam diretamente suas vivências e permanência no ambiente escolar.

A partir deste contexto, este artigo, intitulado “*Educação para todes? Reflexões e atravessamentos<sup>3</sup> de alunxs trans do 3º ano do ensino médio*”, investiga as experiências e os desafios enfrentados por *alunxs* trans em uma escola da rede pública localizada no estado do Rio Grande do Norte na zona norte da capital Natal. Parte-se da hipótese de que, mesmo com avanços nos direitos constitucionais, o sistema educacional ainda falha em garantir a inclusão plena da comunidade LGBTQIA+, perpetuando dinâmicas de opressão e exclusão que afetam tanto o desempenho escolar quanto o bem-estar psicológico *dxs* *estudantxs*.

Portanto, o objetivo principal do estudo é compreender as barreiras e oportunidades vivenciadas por *alunxs* trans no contexto do ensino médio, explorando suas percepções e vivências no espaço escolar. A metodologia envolve uma revisão bibliográfica, levantamento de dados e notícias sobre a LGBTQIA+fobia no contexto escolar, finalizando com a aplicação de formulários eletrônicos direcionados exclusivamente a duas *alunxs* trans matriculadas no 3º ano do ensino médio da escola objeto de estudo. O formulário, composto por dez questões semiestruturadas, buscou mapear suas experiências em relação ao uso do nome social, ao acesso aos banheiros e outros espaços, à abordagem da diversidade de gêneros nas práticas pedagógicas e aos impactos do *bullying* e da exclusão social.

Como resultados, destaca-se que, embora exista um discurso crescente sobre a necessidade de inclusão da população LGBTQIA+, especialmente *dxs* *alunxs* trans, nos ambientes escolares, a prática cotidiana ainda revela resistências. Onde, situações de preconceito e discriminação são naturalizadas tanto por colegas de classe quanto por docentes, evidenciando lacunas na formação inicial e continuada do corpo pedagógico. Outro ponto relevante é a ausência de conteúdos curriculares que abordem questões de

---

<sup>3</sup> Entendidos como as barreiras que interferem na prática efetiva da inclusão escolar.

gêneros e diversidades sexuais, além da falta de respeito pelo uso do nome social, figurando como alguns dos principais fatores que dificultam a construção de um ambiente escolar acolhedor para *alunxs* trans.

## **METODOLOGIA**

Para alcançar o objetivo proposto, a metodologia foi estruturada em diversas etapas, incluindo revisão bibliográfica, coleta de dados, levantamento de indicadores e notícias sobre a LGBTQIA+fobia. A etapa de pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de uma busca sistemática em periódicos eletrônicos e no Google Acadêmico, utilizando os descritores: escola, LGBTQIA+fobia, alunas e alunos trans, violência e *bullying*.

No segundo momento, realizou-se a aplicação de formulário eletrônico com duas alunas trans, pela plataforma *google forms*, com o intuito de mapear suas experiências e atravessamentos no espaço escolar. Por fim, o levantamento de indicadores sobre a LGBTQIA+fobia foi essencial para retratar o quadro violento que a população LGBTQIA+ vem enfrentando no Brasil.

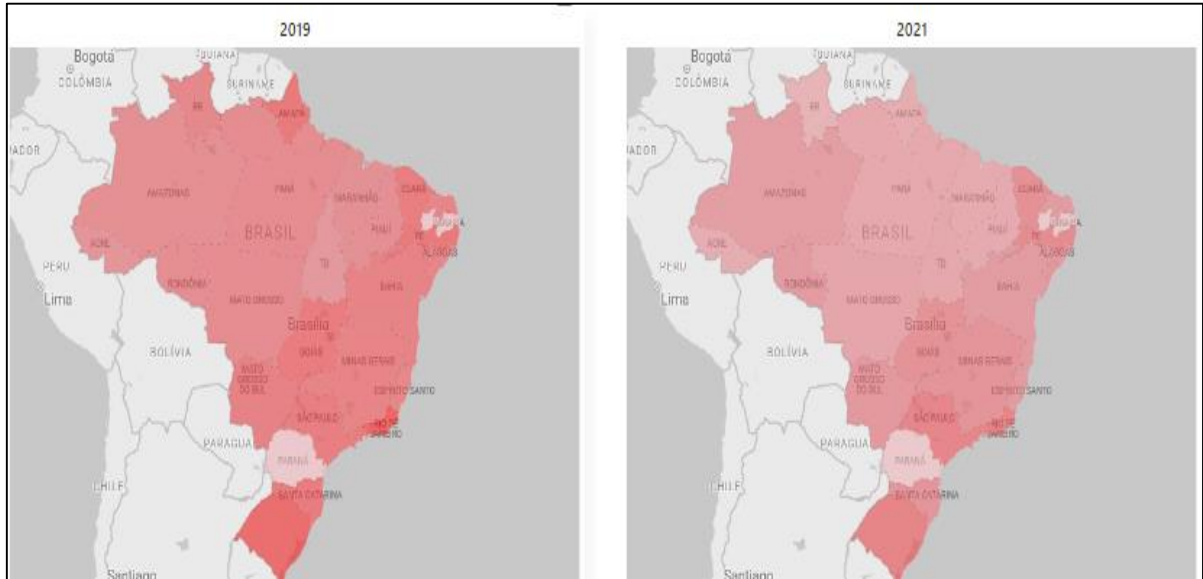
## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O sistema heteronormativo tem sido, ao longo de toda a história, um dos eixos estruturantes do processo de socialização dos indivíduos, estabelecendo uma ditadura de padrões, condutas e valores que moldam comportamentos desde a infância. Nesse sentido, os estudos de Bento (2011) e Costa (2013) destacam que tanto o ambiente familiar quanto o escolar atuam como agentes que reforçam normas sociais pré-estabelecidas.

Assim, embora o ensino deva ser orientado pelo princípio do respeito à liberdade e pela valorização da tolerância, conforme assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/1996), observa-se que o ambiente escolar ainda mantém padrões comportamentais que reprimem as expressões de gêneros e sexualidades que estão fora do padrão heteronormativo/conservador. Deste modo, essa dinâmica transforma as escolas em "territórios do medo", contribuindo para o aumento da evasão escolar, casos de *bullying*, LGBTQIA+fobia, transfobia e para o crescimento do diagnóstico de doenças psicológicas.

Neste cenário, de acordo com um levantamento da ONG Todos Pela Educação, apenas 25,5% das escolas brasileiras possuem projetos voltados ao enfrentamento da LGBTfobia e do machismo. Esse é o menor índice registrado na última década (Batista, 2023).

**Imagem 01** - escolas com projetos sobre a temática de homofobia no Brasil em 2019 e 2021



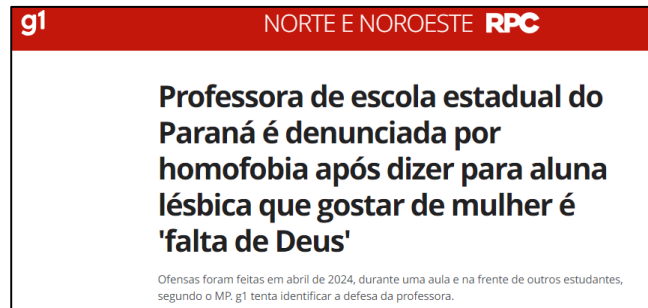
**Fonte:** Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC) / ObservaDH, 2024.

A imagem acima nos mostra dois mapas elaborados pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), com base nos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), apresentando um comparativo das escolas brasileiras que possuíam projetos voltados ao enfrentamento da homofobia entre os anos de 2019 (à direita) e 2021 (à esquerda).

Verifica-se que os estados com tonalidade de vermelho escuro representam aqueles com a maior concentração de projetos. Ao analisar o mapa referente a 2021, percebe-se uma queda significativa na implementação dessas iniciativas. É notório que a maior parte das regiões brasileiras apresentou um enfraquecimento dessas ações, embora seja interessante observar que os estados do Paraná, na região Sul, e da Paraíba, na região Nordeste, registraram poucos avanços.

Diante da escassez de dados oficiais, buscou-se notícias para compreender melhor o contexto de homofobia em escolas nesses dois estados. Assim, um caso de destaque ocorreu neste ano em uma escola estadual localizada em Jaguapitã, no norte do Paraná. Onde, uma professora foi denunciada por homofobia após dizer a uma aluna lésbica que gostar de mulher é "falta de Deus". O incidente foi noticiado pelo portal eletrônico G1 no dia 11 de setembro de 2024.

**Imagem 02** – Machete do G1 sobre homofobia em escola do estado do Paraná



**Fonte:** portal do G1, 2024

Percebe-se, então, que o controle dessas normas se manifesta na tentativa de regular as sexualidades e os comportamentos, criando uma espécie de disciplina e regulação sobre os gêneros, procurando enquadrar os alunos e alunas em corpos e condutas heteronormativas. Como aponta Bento (2011), atitudes que fogem dos estereótipos tradicionais – como brincadeiras ou expressões consideradas inconvenientes para o gênero normativo – são reprimidas, reforçando a heterossexualidade como norma socialmente aceitável. Deste modo, a escola deixa de ser um espaço acolhedor e se torna um ambiente hostil para aqueles que fogem do sistema da heteronormatividade. A autora reforça o conceito de “heteroterrorismo” para ilustrar como essa violência simbólica e física é vivenciada de forma cotidiana por alunos LGBTQIA+, que muitas vezes são alvo de preconceito e agressões (Bento, 2011).

Neste contexto, os estudos de Richartz e Santana (2012) enfatizam que a exclusão e a violência no espaço educacional não se limitam aos estudantes, mas que os educadores e funcionários também reproduzem comportamentos heteronormativos. Os autores destacam em suas pesquisas que 23% dos casos de transfobia relatados por estudantes trans são provenientes de professores, e 16% dos episódios envolveram outros funcionários da escola. Além disso, o estudo revela que 34% dos alunos não encontraram apoio de ninguém, o que evidencia a importância da gestão institucional diante das violências e reforça a necessidade de uma educação inclusiva e transformadora (Richartz; Santana, 2012).

Portanto, a transfobia no âmbito escolar impacta os níveis de desenvolvimento cognitivo e psicológico dos alunxs, dificultando a aprendizagem e gerando uma série de problemas emocionais e comportamentais, como retraimento, depressão e ansiedade (Garcia, 2009 apud Richartz; Santana, 2012). Nesse sentido, o silenciamento sobre

questões voltadas à diversidade de gêneros e sexualidades nas escolas também se configura como uma forma de controle e exclusão.

Nessa perspectiva, os estudos de Sala (2013) observam que a invisibilização desses temas nos currículos e materiais didáticos contribui para a manutenção de uma educação excludente, na qual sexualidades não heteronormativas e identidades não binárias são relegadas ao “indizível”. Assim, essa invisibilidade institucional não apenas reforça estereótipos, mas também exclui esses grupos de debates fundamentais sobre cidadania e direitos humanos.

Os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra, 2022) evidenciam as consequências desse contexto excludente, destacando que apenas 0,02% da população trans tem acesso ao ensino superior e que cerca de 70% das pessoas trans não concluem o ensino médio. O relatório ainda reforça que a falta de oportunidade educacional é acompanhada por um cenário de marginalização extrema, no qual 90% das pessoas trans se veem obrigadas a recorrer à prostituição como forma de sobrevivência. Além disso, o Brasil é o país com o maior índice de assassinatos de pessoas trans no mundo há 14 anos consecutivos, revelando a gravidade da violência sistêmica enfrentada por essa população (Antra, 2022).

Esse cenário evidencia a urgência de políticas públicas que possam olhar a realidade da população LGBTQIA+ para garantia plena do acesso à educação e aos direitos fundamentais. Nesse contexto, a educação precisa assumir um papel emancipador e libertador, promovendo práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e reconheçam a pluralidade das identidades de gênero. Em suma, a escola não pode ser um espaço de reprodução de estigmas, mas, sim, um ambiente que valorize a diversidade e combata as desigualdades, oferecendo aos educandxs LGBTQIA+ a oportunidade de vivenciar plenamente suas liberdades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos a partir das respostas dos formulários eletrônicos aplicados a duas *alunxs* trans de uma escola da rede pública estadual do Rio Grande do Norte, localizada na região da zona norte da capital, Natal. Visando preservar o anonimato dxs participantes, elxs foram denominadas Ana e Alice. A seleção foi feita com o auxílio de alunxs do PIBID da referida escola, que nos possibilitou contato com as *alunxs*. Em seguida, foi enviado um formulário eletrônico

contendo dez questões semiestruturadas, organizadas por categorias que complementavam temas relacionados ao uso do nome social, acesso aos banheiros e espaços da escola, diversidade de gêneros nas práticas pedagógicas, impactos do *bullying* e da exclusão social. A seguir, apresentam-se as principais categorias que guiaram a análise desta pesquisa.

### **Invisibilidade e falta de acolhimento**

Quando questionadas sobre como as escola as recebiam e acolhiam, Ana e Alice responderam que a direção sempre as apoiaram e buscaram conscientizar alunos, alunas e professores sobre o processo de transição. Porém, uma dificuldade relatada por ambas foi a questão nome social, pois, em alguns casos, o sistema da escola ainda emitia listas de chamadas com o nome que não lhes pertence. Mas, quando procuravam a direção, o problema era sempre resolvido, eles afirmavam que está era uma questão relacionado à Secretaria de Educação.

Ainda sobre essa questão do sistema, elxs mencionaram a situação de umx alunx da EJA que não conseguiu retificar o nome e foi excluídx da lista de chamadas, pois a família do alunx não compreendia sua situação, em respeito, a escola preferiu não incluir o antigo nome na lista e comunicou a situação aos professores – Relataram as participantes. Com relação aos espaços, elas disseram que nunca tiveram problemas com o uso do banheiro, pelo menos no turno em que estudavam, mas já ouviram relatos de alunxs de outros turnos que passaram por situações de *bullying* e foram proibidos de usar.

### **Bullying e hostilidade**

A questão do *bullying* e da violência na escola tem sido um problema que se alastra por quase todas as escolas do Brasil. Para a comunidade LGBTQIA+, o problema é ainda mais acentuado. Neste sentido, Kuhn *et al.* (2011), ao investigarem a frequência do *bullying* em diferentes contextos escolares por meio de questionários aplicados a estudantes do ensino fundamental, relacionando-o ao gênero, constataram que 91% dos participantes sofreram algum tipo de violência escolar relacionada a questões de gênero.

Neste contexto, ao serem questionados sobre a violência e o *bullying* dentro das escolas, as participantes informaram que não sofreram nenhum tipo de agressão na escola atual. No entanto, relataram situações vivenciadas em instituições anteriores. Ana

revelou: “no início da minha transição, passei por momentos muito difíceis. Nas aulas de educação física, eu sempre era excluída do grupo das meninas. Quando ia ao banheiro, as meninas se afastavam de mim. Durante o intervalo, um grupo de meninos me chamou por nomes cruéis e fez gestos que me deixaram completamente envergonhada” (Ana, 2024). Ela contou que pediu a sua mãe para ser transferida de escola, e na nova instituição foi bem acolhida, conseguindo fazer amizades verdadeiras, desde então não passou por nenhuma situação violenta. Alice, relata que, às vezes, “algumas meninas riam e cochichavam de mim durante a aula, fazendo comentários sobre meu jeito de ser. Mas isso foi em outra escola e aconteceu só uma vez” (Alice, 2024).

Assim, as falas de Ana e Alice evidenciam o quanto o *bullying* ainda é um dos principais obstáculos enfrentados por *alunxs* trans nas escolas. Mesmo em pequenas brincadeiras, percebe-se a presença de um preconceito velado, colocado na prática por meio de gestos simples. Essas práticas hostis no ambiente escolar afetam diretamente a autoestima e aumentam a vulnerabilidade emocional dxs *alunxs* expostos essas situações. Para esses, a escola, que deveria ser um espaço de proteção e acolhimento, transforma-se em um território marcado pelo medo, onde a repetição das agressões – seja na forma de piadas, gestos ou insultos – intensifica a sensação de não pertencimento.

### **Indiferença e o papel dos professores e colegas**

Tanto Ana quanto Alice indicam que, embora haja professores bem-intencionados, ainda existe certa falta de preparo para lidar com algumas questões. Segundo elxs, há professores que ficam um pouco recuados e com medo de abordar assuntos relacionados ao processo de transição. Alice relata que uma das professoras lhe perguntou como era se transformar em menina. Ela descreve que: “nesse dia, fiquei um pouco constrangida, acabei dei um sorriso sem graça e fui me sentar. Depois que ela corrigiu o caderno, ficou um clima bem tenso na sala” (Alice, 2024).

Perceber que situações que são levadas em tom de “brincadeira”, como a exposta por Alice, partindo de uma educadora, reforçam o quanto o preconceito é internalizado nas pessoas. E que, quando o corpo pedagógico da escola evita abordar temas relacionados às questões de gêneros, e LGBTQIA+fobia, está, de certa forma, institucionalizando o preconceito (Gomes *et al.*, 2022). Quando questionadas sobre se a escola organizava eventos ou oficinas sobre temas relacionados à comunidade LGBTQIA+, elas disseram que isso acontece mais nos outros turnos. No horário noturno,



em que elxs estudam, tudo é mais corrido e, raramente, vai uma psicóloga vai falar sobre essas questões.

Sobre a relação com os colegas de classe, as participantes afirmaram que sempre foram respeitadxs e que a turma é curiosa para entender algumas questões, como os medicamentos hormonais, já que é algo que eles conversam bastante em sala, pois Ana ainda não conseguiu acesso gratuito destes medicamentos no Sistema Único de Saúde (SUS).

### **Refletir para não concluir...**

Fazendo uma reflexão e análise geral dos resultados obtidos por meio das falas de Ana e Alice, percebe-se o quanto a vida escolar para *alunxs* trans é marcada por muitos obstáculos, dentre eles: a necessidade de estudar e a luta constante pelo reconhecimento de suas identidades. Nesse contexto, a invisibilidade, o *bullying* e a indiferença se convertem em barreiras que afetam não apenas o desempenho acadêmico, mas também a saúde emocional desses *alunxs*. Essa situação expõe a ausência de políticas educacionais eficientes e a falta de preparo do corpo pedagógico no processo de acolhimento da comunidade LGBTQIA+ dentro das instituições educacionais.

Assim, é notório que esses alunes não estão apenas em busca de reconhecimento, mas querem transformar esse espaço em um ambiente inclusivo. Os casos de Ana e Alice representa a realidade de muitxs jovens trans que enfrentam preconceitos diariamente nas escolas brasileiras. Nesse sentido, a mudança e a quebra de paradigmas ocorrem por meio da formação continuada de educadores, da criação de políticas inclusivas e do fomento a uma cultura escolar baseada no respeito às diversas identidades.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, este estudo evidenciou que, apesar da criação de políticas públicas e avanços legais em prol do combate ao preconceito e à discriminação, os casos e práticas de violência LGBTQIA+fóbicas ainda se fazem presentes nas casas, ruas, igrejas, ambientes de convivência e, principalmente, nas escolas, reforçando os altos índices de *bullying* e evasão escolar. Os dados apresentados, somados às vivências das participantes Ana e Alice, evidenciam que a escola, que deveria ser um espaço acolhedor e inclusivo, tem se tornado um local de exclusão e violência.

Diante deste quadro, é importante que as instituições educacionais, articuladas ao Estado, busquem promover estratégias para a promoção da equidade e inclusão, que combatam o preconceito e a violência no ambiente escolar. Isso inclui não apenas a discussão aberta sobre as questões LGBTQIA+, mas também a garantia do uso do nome social e o reconhecimento desses alunos. Em conclusão, as experiências relatadas por Ana e Alice são uma reflexão sobre a urgência de se debater uma educação inclusiva e transformadora, que não apenas respeite, mas busque a garantia da diversidade, para que, de fato, a escola se torne um espaço de emancipação e respeito, onde todos possam vivenciar suas identidades.

## **AGRADECIMENTOS**

Agreço ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

## **REFERÊNCIAS**

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E INTERSEXOS (ABGLT). **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: dossiê 2021: Acontece arte e política LGBTI+**. Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022.

BATISTA, Lívia. Apenas 25% das escolas brasileiras têm ações contra machismo e LGBTQIA+fobia: menor índice em 10 anos. 2023. Disponível em: <https://adiadorim.org/noticias/2023/07/apenas-25-das-escolas-brasileiras-tem-aco-es-contra-machismo-e-lgbt-fobia-menor-indice-em-10-anos/>. Acesso em: 08 set. 2024.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, mai./ago. 2011. p. 549-559.

CNN Brasil. **Estudo diz que 77% das crianças e adolescentes sofrem transfobia no ambiente escolar**. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-diz-que-77-de-criancas-e-adolescentes-sofrem-transfobia-no-ambiente-escolar/>. Acesso em: 08 set. 2024

COSTA, Vera Lúcia do Vale. **Violência escolar e homofobia: reflexões a respeito da diversidade**. Disponível em: <http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/25022013Vera%20Lucia%20Costa%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 02 set. 2024.

G1. **Professora de escola estadual do Paraná é denunciada por homofobia após dizer para aluna lésbica que gostar de mulher é falta de Deus**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2024/09/11/professora-de-escola->

estadual-do-parana-e-denunciada-por-homofobia-apos-dizer-para-aluna-lesbica-que-gostar-de-mulher-e-falta-de-deus.ghhtml. Acesso em: 18 out. 2024.

GOMES, Jean Claude De Souza et al. **Território do medo: lgbtfobia no ambiente escolar**. In: CONEDU - Gênero, Sexualidade e Educação. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/91249>. Acesso em: 09 set. 2024.

KUHN, Q. L.; LYRA, L. R.; TOSI, P. C. S. **Bullying em contextos escolares**. Unoesc & Ciência - ACHS, v. 2, n. 1, p. 49-62, 2011.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **ObservaDH: painel de dados sobre LGBTQIA+**. Disponível em: <https://experience.arcgis.com/experience/6a0303b2817f482ab550dd024019f6f5/page/LGBTQIA%2B---Painel-de-dados/>. Acesso em: 08 set. 2024.

RICHARTZ, Terezinha; SANTANA, Zionel. **A heteronormatividade e o bullying: análise das medidas educativas adotadas por supervisores escolares para coibir a homofobia praticada por alunos do Ensino Fundamental I**. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=Dra.+Terezinha+Richartz.+A+HETERONORMATIVIDADE+E+O+BULLYING%3A+an%C3%A1lise+das+medidas+educativas+adotadas+por+supervisores+escolares+para+coibir+a+homofobia+praticada+por+alunos+do+Ensino+Fundamental+I1>. Acesso em: 02 nov. 2024.

SALA, Arianna. **Batendo um “papo sério”: desconstruindo gênero e sexo nas escolas de Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Batendo-um-papo-s%C3%A9rio-desconstruindo-g%C3%AAnero-e-sexo-nas-escolas-de-Santa-Catarina.pdf>. Acesso em: 02 set. 2024.